

A força do gênero memorialístico quando bem praticado

Dib Carneiro Neto

Site Pecinha é a Vovozinha

24 de abril de 2018

Um palco vazio a ser preenchido calma e lentamente pelas memórias do protagonista. Memórias de afeto, memórias de infância, memórias do brincar. Assim é *Juvenal, Pita e o Velocípede*, que vem de uma bem-sucedida carreira de quase 3 anos no Rio de Janeiro (estreou por lá em julho de 2015) e agora ocupa as manhãs de sábado do Sesc Consolação até a metade de maio. O espetáculo foi premiado por texto e iluminação, no 10.º Prêmio Zilka Sallaberry, e melhor ator no 2.º Prêmio CBTIJ de Teatro para Crianças.

O ator Eduardo Almeida está sozinho em cena o tempo todo, o que faz as pessoas desconfiarem um pouco: monólogo?????! Sim, e por que não? O preconceito no teatro contra os monólogos é imenso, pois há muito medo de que vire no palco algo cansativo, maçante, entediante. Juvenal não é nada disso. Tudo foi muito bem pensado pela direção do convidado Cadu Cinelli, de *Os Tapetes Contadores de Histórias*, em parceria com o dramaturgo Cleiton Echeveste, para que o ritmo nunca pare de fluir e até as transições entre as cenas sejam eloquentes e proveitosas. E o corpo de Eduardo Almeida fala. Tem ginga na hora que é para ter, voa quando é para voar, pula, salta, dança, fragiliza-se e fortalece-se, chega até a plateia com uma força expressiva sensacional. Jan Macedo assina a direção de movimentos e a preparação corporal.

Juvenal, já adulto, espera pela amiga de infância, Pita, que não encontra há 30 anos. Esperando Godot? Não, Esperando Pita. Que nunca vem. Enquanto ela não chega ao encontro, ele já sai contando para a plateia tudo o que viveram juntos nas brincadeiras de criança e como se conheceram. *(Na sessão a que assisti, ao final um garotinho subiu ao palco para perguntar ao ator se Pita existe mesmo!)*

Para os adultos, é um deleite, pois acabamos entrando nas memórias de Juvenal na medida em que cada um de nós também se lembra com saudades dos tempos dos quintais, dos pomares, dos jogos de rua, das primas chatas, dos micos com os amigos. Para as crianças, o texto ganha importância pois é uma demonstração do quanto é fundamental ter do que se lembrar. Nada é dito de forma professoral nem em tom moralista, felizmente. O personagem conta e reconta pedacinhos de sua vida e isso, por si só, 'ensina' as crianças a cultivarem suas próprias lembranças, mesmo que ainda bem recentes. É um texto próprio para as escolas trabalharem com seus alunos o gênero memorialístico, a força das histórias pessoais e privadas na construção da história maior de um povo.

A entrada do velocípede em cena é mágica. Impossível não se maravilhar com a lúdica engenhoca, dessas que parecem saltadas de nossa imaginação, mas ainda melhoradas pela imaginação de outras pessoas muito mais criativas. Ponto alto do espetáculo é também a iluminação de Ricardo Lyra Jr., impactante na cena em que Juvenal e sua amiga Pita, imaginariamente na garupa do velocípede, vão para um tal lugar chamado Brobdingnag. O texto é hábil e rico em sugestões, mais do que em 'entregar' histórias prontas. Passa pelas viagens da imaginação (muitos nomes de locais só funcionam para adultos, como Pasárgada e Maracangalha), dá pinceladas no tema dos ciúmes infantis, fala de livros, de concurso de dança, de pegar carona pendurado no caminhão de lixo e até de soltar pum. E, sobretudo, de saudade.

Ao fim de tudo, Pita manda um whatsapp (sinal dos tempos!) para Juvenal prometendo estar sem falta na próxima sessão. Será? Vamos voltar lá e esperar de novo por ela?